

EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA: INTERDISCIPLINARIDADE E CON- TEXTUALIZAÇÃO

Vânia de Moraes Teixeira Dias, Vilmar Alves Pereira, Tânia Maria de Moraes Vieira da Fonseca
Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Brasil.
vaniamt@yahoo.com.br, vilmar1973@gmail.com, taniavieirafonseca@yahoo.com.br.

RESUMO: Esta pesquisa faz parte de uma dissertação de mestrado e teve como objetivo compreender as possibilidades de realização da Educação Ambiental no contexto escolar a partir da ótica de professores. Os sujeitos participantes da pesquisa foram quatro professoras que se autointitulavam educadoras ambientais, duas da Educação Infantil e duas das Séries Iniciais do Ensino Fundamental. As narrativas obtidas foram transcritas e analisadas através da Análise Textual Discursiva. A categoria emergente da análise trabalhada neste artigo refere-se às diferentes possibilidades de ação docente para o desenvolvimento de atividades de Educação Ambiental na escola. Entre estas atividades, destacaram-se o trabalho interdisciplinar e a importância da contextualização.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Ambiental, Escola, Interdisciplinaridade, Contextualização.

OBJETIVOS

Objetivou-se investigar, a partir da análise do discurso de professores que se assumem educadores ambientais, os meios por eles encontrados para realizar a Educação Ambiental no contexto escolar. Especificamente, buscou-se investigar se as metodologias de Educação Ambiental propostas pelos professores participantes da pesquisa estão relacionadas com as demandas dos alunos.

MARCO TEÓRICO

A importância da Educação Ambiental se mostra formalmente na obrigatoriedade constitucional com sua inclusão nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e na Lei Federal que define a Política Nacional de Educação Ambiental (Lei n.º 9.795 de abril de 1999). Nos PCN, a intencionalidade da EA na escola é apresentada como:

O trabalho de Educação Ambiental deve ser desenvolvido a fim de ajudar os alunos a construir uma consciência global das questões relativas ao meio para que possam assumir posições afinadas com os valores referentes à sua proteção e melhoria. Para isso, é importante que possam atribuir significado àquilo que aprendem sobre a questão ambiental. E esse significado é resultado da ligação que o aluno estabelece entre o que aprende e a sua realidade cotidiana, da possibilidade de estabelecer ligações entre o que aprende e o que já conhece, e também da possibilidade de utilizar o conhecimento em outras situações. (Brasil, 1997a, p. 35)

Além de propor o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre as questões que envolvem os problemas ambientais, os PCN também fazem referência à necessidade de dar significado ao que se aprende. Por isso, é importante levar em consideração o contexto imediato daquele que aprende e sua cotidianidade, como afirma Loureiro (2009, p. 133): “Desprezar a cotidianidade e o indivíduo faz com que queiramos, paradoxalmente, transformar o mundo sem mudar a nós mesmos”.

Conectar o aluno com o mundo e com outros sujeitos é, talvez, o principal objetivo da EA, em uma perspectiva de incluir os homens como parte integrante da natureza, não aquém ou superior a ela. É por essa razão que se propõe que a Educação Ambiental seja desenvolvida por meio da interdisciplinaridade. De acordo com as orientações estabelecidas nos PCN, a interdisciplinaridade:

[...] questiona a segmentação entre os diferentes campos de conhecimento produzida por uma abordagem que não leva em conta a inter-relação e a influência entre eles - questiona a visão compartimentada (disciplinar) da realidade sobre a qual a escola, tal como é conhecida, historicamente se constituiu. Refere-se, portanto, a uma relação entre disciplinas. (Brasil, 1997b, p. 31)

Neste aspecto, sob a perspectiva da interdisciplinaridade, é possível constatar que a EA ultrapassa a especialização do saber (Carvalho, 2008), sendo uma atribuição ao trabalho do professor, junto com o aluno, estabelecer conexões entre as mais diversas disciplinas e áreas do conhecimento com a realidade fora da escola, indicando uma abordagem integradora que problematize a interação entre sociedade e natureza. É claro que fazer isso não é tarefa fácil, já que, como lembra Carvalho (2008, p. 125), “Trata-se de convidar a escola para a aventura de transitar entre saberes e áreas disciplinares, deslocando-a de seu território já consolidado, rumo a novos modos de compreender, ensinar, aprender”.

Essa nova proposta reflete as expectativas que a sociedade tem sobre a escola, principalmente no que concerne a uma formação voltada à cidadania, na busca de possíveis soluções que permitam uma convivência digna entre todos os componentes da natureza que nos cerca. Nos PCN, a cidadania é entendida como:

[...] participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito. (Brasil, 1997b, p. 69)

Diante dessa questão, Segura (2001, p. 45), afirma que “A EA voltada para o fortalecimento da cidadania pressupõe a formação de sujeitos ativos, capazes de julgar, escolher e tomar decisões”. E é por essa razão que o trabalho do professor educador ambiental é amplo e complexo, exigindo uma visão sistêmica que alie os problemas ambientais às questões políticas, civilizatórias e sociais.

Assim, a EA tem uma identidade dentro do processo educativo, e é por essa razão que buscamos compreendê-la a partir da ótica das professoras. Esses sentidos e compreensões influenciam suas práticas pedagógicas em se tratando da EA realizada na escola.

METODOLOGIA

Nesse caminho investigativo, a metodologia utilizada teve caráter qualitativo e as abordagens epistemológicas são de cunho fenomenológico e hermenêutico, sendo eleitas, principalmente, pela forma como operacionalizamos a pesquisa e também pela nossa própria concepção de sujeito como sendo aquele, segundo Gamboa (2008), “ser-no-mundo”, “ser-com-outros” e “ser-inacabado”.

A condição primeira para a participação na pesquisa era que os sujeitos investigados fossem professores e se assumissem educadores ambientais. Nesse sentido, os professores participantes não foram selecionados por meio da observação de suas práticas, ou seja, não julgamos, *a priori*, como sendo ou

não Educação Ambiental, mas participaram aqueles que afirmaram desenvolver a temática ambiental em suas práticas pedagógicas e que se autointitulavam educadores ambientais.

Portanto, participaram da pesquisa quatro professoras educadoras ambientais, duas que atuam na Educação Infantil e duas que atuam nas séries iniciais do Ensino Fundamental. As professoras pesquisadas, que tiveram suas identidades preservadas com nomes fictícios, trabalham em diferentes escolas públicas da Rede Municipal de Ensino de Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. As escolas estão localizadas em diferentes realidades socioambientais do município de Rio Grande, algumas em área limítrofe entre o centro da cidade e a periferia e outras em área nobre. Com isso, buscamos trazer para a pesquisa as mais diferentes narrativas e as mais variadas possibilidades de práticas educativas ambientais.

Para a coleta de dados, foi utilizada a entrevista semiestruturada e a produção escrita em um diário, no qual as professoras narraram uma semana de histórias de sala de aula. As narrativas obtidas foram transcritas e analisadas por meio da Análise Textual Discursiva, um em processo recursivo de escrita que se inicia com a produção de unidades de sentido para posterior categorização inicial, intermediária e final, culminando com a elaboração de metatextos (Moraes, Galiazzi, 2007).

A partir da análise, três categorias emergiram, sendo elas: (I) Os porquês da EA na escola: plantando sementinhas para transformar, (II) Fazendo EA na escola: uma trama de possibilidades e (III) As desventuras da EA na escola: comprometer-se dá trabalho. Neste artigo, elegemos a categoria II como categoria de trabalho, uma vez que abarca as narrativas e unidades de sentido que nos permitiram compreender as possibilidades de ação docente que envolvem a Educação Ambiental relatada pelas professoras participantes da pesquisa nas escolas em que atuam.

RESULTADOS

Os resultados aqui apresentados referem-se à categoria final emergente da análise, a qual denominamos “Fazendo Educação Ambiental na Escola: uma trama de possibilidades”. Nesta categoria, estão incluídas as narrativas que tratam das maneiras encontradas pelas professoras para fazer Educação Ambiental nas escolas em que atuam, ou seja, suas metodologias de trabalho docente que envolvem a EA. Entre as diferentes metodologias apresentadas, destacaram-se a contextualização dos conteúdos, o desenvolvimento das atividades relacionadas às necessidades específicas dos alunos e a interdisciplinaridade. Além disso, também ficou evidente a importância apresentada pelas professoras em dar continuidade ao trabalho de EA, objetivando, assim, uma aprendizagem mais significativa e não apenas promovendo práticas pontuais de EA.

Com a intenção de trazer o mundo da vida para a sala de aula, a professora Rita afirma:

Quando o aluno traz coisas da realidade dele pra dentro da sala de aula o aluno faz aquilo por gosto, ele não faz aquilo obrigado: aí que saco, hoje tem aula de matemática, ou aí que saco, hoje tem essa aula chata. Porque ele tá trazendo coisas da cultura dele pra sala. Então assim ó, eu acho que o professor, pra fazer um bom trabalho, ele não pode desperdiçar o que o aluno traz. Ele não pode chegar na aula e abrir aqueles livros, aqueles conteúdos todos e dar, dar, dar, e o aluno não ter a oportunidade de falar.

A partir deste relato, percebe-se que a metodologia utilizada pela professora busca contextualizar os conteúdos trabalhados em sala de aula com a realidade imediata dos alunos, para, assim, torná-la mais atrativa e prazerosa. Ela também se opõe à utilização de aulas expositivas em que o professor é a única autoridade e “dita” conteúdos advindos de livros, sem oportunizar que o aluno verbalize. Com isso, a professora expressa um sentido dialógico ao processo de ensino-aprendizagem.

Ainda na perspectiva de trazer o contexto do aluno para a sala de aula, e, então, perceber as suas necessidades de aprendizagem, Fátima afirma:

[...] todo o começo de ano a gente tem o período de adaptação, tem crianças novas na escola, crianças que mudaram de professor, então tu tens todo um período de adaptação, vais trabalhando aos pouquinhos, eles vão chegando, vão conhecendo a escola, vão te conhecendo, vão conhecendo teu ritmo, eles tem um ritmo, eles tem ali, eles não podem pensar só neles, eles tem que pensar em todos, e tu tens que ser muito observador do grupo em que tu estás trabalhando. Pra perceber as necessidades.

Ao trabalhar a partir das necessidades individuais dos alunos, ao trazer o contexto deles para a escola, ao adequar os “conteúdos” de maneira que seja apropriado para cada grupo em particular; tudo isso nos leva acreditar que as professoras compreendem a diversidade que é o mundo da vida e que essa diversidade e multiplicidade também ganham espaço em suas salas de aula, podendo tornar-se, assim, interdisciplinares. Portanto, todas as professoras disseram assumir uma postura interdisciplinar visando, como dito anteriormente, aproximar os conteúdos específicos com a vida do aluno, com o que eles necessitam. É com esse sentido que Rita afirma, “Procuro trabalhar os conteúdos de maneira interdisciplinar e o mais próximo da realidade, para que possam se inserir no todo”. Com essa premissa, a de inserir os conteúdos em um todo, a professora parece superar a concepção fragmentada do conhecimento, buscando integrar as diferentes dimensões do saber.

A professora Fátima considera que o trabalho mais interdisciplinar que existe é o da Educação Infantil. Ela justifica, afirmando, “Porque tu permeias por todas as disciplinas, e és tu quem trabalha, e isso é tão bom para o professor, porque a gente aprende coisas que a gente também não sabia”. Em outro trecho, ela ainda afirma que “quando tu divides o professor de ciências, de matemática, aí é mais difícil, é muito fragmentado ainda”. Ela relata o quanto é desafiador trabalhar em uma proposta interdisciplinar, mas que, ao mesmo tempo, lhe traz grande satisfação, já que, segundo ela, a interdisciplinaridade faz com que se conheça mais. Ao apresentar a problemática fragmentação do conhecimento, associa sua narrativa à afirmativa de Carvalho (2008, p. 122), quando declara que a interdisciplinaridade “jamais será uma posição fácil, cômoda ou estável, pois exige nova maneira de conceber o campo da produção de conhecimento buscada no contexto de uma mentalidade disciplinar”.

A professora Carolina lembra também da importância em se dar continuidade ao trabalho desenvolvido na perspectiva da Educação Ambiental, afirmando que:

Não é porque eu fiz um dia também, ah porque um dia eu fui lá e plantei umas árvores na beirada do barranco, agora se o barranco cair a culpa não é minha, não tenho que fazer mais nada, vou parar ali e deus. Não, tu tens que estar sempre cuidando, tu vai lá pregando mais estaquinhas, fazendo isso e aquilo pra não desabar.

Essa fala é bastante reveladora no que concerne à proposta de trabalho da professora. Destacamos, a partir dessa narrativa, o compromisso evidente da professora em desenvolver uma EA de forma contínua, que não se limita a ações pontuais. Também como maneira de dar continuidade às propostas de EA, as professoras relataram a importância do envolvimento da família dos alunos na vida escolar. A continuidade e a extensão do trabalho do professor educador ambiental podem se alargar na medida em que as aprendizagens desenvolvidas na escola, e que abarcam as questões ambientais, chegam indiretamente nas famílias a partir dos alunos, podendo constituir-se no motor da transformação de uma comunidade inteira.

CONCLUSÕES

Enquanto proposta educativa, a Educação Ambiental não traz respostas fixas, não possui uma lista de conteúdos a serem trabalhados e, tampouco, apresenta uma única metodologia possível. Na trama de incertezas e de múltiplas possibilidades de concretização, a análise das narrativas evidenciou

diferentes metodologias de Educação Ambiental desenvolvidas pelas professoras participantes desta pesquisa. Dentre elas, destacamos a interdisciplinaridade e a contextualização dos conteúdos, trazendo a realidade do aluno para a sala de aula e estando atento às suas necessidades. Acreditamos que essas metodologias são capazes de formar cidadãos críticos frente às questões ambientais, uma vez que se referem a saber escutar o aluno, compreendendo seu contexto e sua leitura de mundo, corroborando o argumento de Freire que afirma:

Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a *escutar*, mas é *escutando* que aprendemos a *falar com eles*. [grifos do autor] (2006, p. 113)

Desta forma, concluímos que as propostas de trabalho apresentadas pelas professoras corroboram com a compreensão de que existem inúmeras estratégias metodológicas para a Educação Ambiental, sendo a mais apropriada aquela que se aproxime das características dos alunos e alunas (Reigota, 2009) e, fundamentalmente, sabendo ouvir suas necessidades. Assim, as professoras apresentaram uma intencionalidade em mudar realidades, constituindo-se, portanto, professoras educadoras ambientais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. (1997a). *Parâmetros curriculares nacionais: meio ambiente e saúde*. Brasília.
- Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. (1997b). *Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília.
- Carvalho, I.C.M. (2008). *Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico*. São Paulo: Cortez.
- Freire, P. (2006). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Gamboa, S.S. (2008). *Pesquisa em Educação: métodos e epistemologias*. Chapecó: Argos.
- Loureiro, C.F.B. (2009). *Trajetória e fundamentos da educação ambiental*. São Paulo: Cortez.
- Moraes, R. y Galiuzzi, M. C. (2007). *Análise textual discursiva*. Ijuí: Unijuí.
- Reigota, M. *O que é educação ambiental*. (2009). São Paulo: Brasiliense.
- Segura, D.S.B. (2001). *Educação Ambiental na escola pública: da curiosidade ingênua à consciência crítica*. São Paulo: Annablume.